

ENTREVISTA COM JOÃO MALAIA

Rafael Fortes¹

João Malaia²

Resumo: João Malaia é professor adjunto no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria (RS). Atua também no Programa de Pós-Graduação em História daquela instituição. Sua tese de doutorado intitulou-se *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Ele publicou vários artigos em revistas científicas e capítulos de livros tratando da história econômica do esporte e do entretenimento, entre outros assuntos. Ele também coordena o projeto de divulgação científica *Mais História, por favor!* Nesta entrevista, realizada por videoconferência em 30 de setembro de 2021, ele fala sobre sua carreira acadêmica, polêmicas em torno de sua tese de doutorado, interesses de pesquisa, arquivos gerais e de esporte, história do esporte e história econômica.

Palavras-chave: História do Esporte. Historiografia. História econômica. História do Brasil. Revolução Vascaína.

Interview with Joao Malaia

Abstract: Joao Malaia is an assistant professor in the History Department at the Federal University of Santa Maria (Santa Maria, Brazil). His PhD dissertation was entitled *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. He has published several journal articles and book chapters on the history of sport and on economic history, among other topics. He also coordinates the project *Mais Historia, por favor!* [*More History, please!*], dedicated to the diffusion of science. In this interview, which took place through a videoconference on September 30, 2021, he speaks about his academic career, debates over his PhD dissertation, research interests, sport and general archives, sport history and economic history.

Keywords: Sport History. Historiography. Economic History. History of Brazil. Vasco da Gama's Revolution.

¹ Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rafael.soares@unirio.br.

² Professor no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil. E-mail: jmalaia@gmail.com.

Rafael Fortes: Você pode começar contando um pouco sobre seus anos de formação na graduação e na pós-graduação?

João Malaia: Fiz minha graduação – bacharelado e licenciatura em História – na Universidade de São Paulo. Meus pais são de Portugal e eu tenho nacionalidade portuguesa, então, no meio dessa licenciatura, estudei um ano na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Voltei para o Brasil, terminei o curso na USP e comecei a dar aula. Antes de enveredar pelo mundo acadêmico, da pesquisa, eu fui dar aula. Fui fazer a batalha nossa de cada dia de professor de história: colégio, cursinho.

Eu me formei em 2001 e, por volta de 2003, mais ou menos, já comecei a fazer pesquisa. Me matriculei numa disciplina como aluno especial na pós lá na USP. Foi uma disciplina bem importante, ministrada pelos professores Hilário Franco Júnior e Flávio de Campos. O Hilário estava pensando em escrever aquela obra *A dança dos deuses*.³ Participei dessa disciplina e, ali, tive a ideia de desenvolver o projeto de mestrado na história econômica da USP.⁴

Era o projeto sobre a revolução vascaína, problematizando o processo de contratação de jogadores negros e brancos pobres da periferia do Rio de Janeiro pelo clube de futebol Vasco. Aquele processo que se deu basicamente entre 1919 e 1923, quando o Vasco é campeão (1923). No mestrado, quando eu qualifiquei, estavam na banca os professores Hilário e Elias Saliba. Os dois, junto com a professora Esmeralda Blanco de Moura, minha orientadora – que, infelizmente, faleceu –,⁵ propuseram ir direto para o doutorado. Isso foi levado ao colegiado do Programa e foi aceito. Aí eu ganhei um tempo a mais para transformar o que era um mestrado em uma tese e defendi em 2010.

Uma das pessoas que eu chamei para a banca de defesa do doutorado – na época, a USP não havia recursos para levá-lo – foi o professor Victor Andrade de Melo, que eu não conhecia pessoalmente. Era sobre o Vasco, Rio de Janeiro, história do esporte, eu tinha usado muito material dele e fiz questão de mandar a tese para ele, como suplente da banca.

Essa parte final da formação acadêmica se conecta com a parte profissional. Eu ainda estava dando aula em cursinho, ensino médio, e tal, em três cidades: São Paulo, São José dos Campos e Taubaté. Em 2010, teve aquele Simpósio de Futebol⁶ em São Paulo e acabei conhecendo o Victor pessoalmente. Ele propôs a gente mandar um projeto para a Faperj,⁷ para eu fazer um posdoc com ele no Rio. Larguei

³ *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ Programa de Pós-Graduação em História Econômica.

⁵ Em abril de 2021.

⁶ Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, realizado no Museu do Futebol, em São Paulo.

⁷ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

as escolas, fui para o posdoc e depois segui a vida da carreira universitária, da pesquisa.

Conta um pouco da sua trajetória institucional a partir do pós-doutorado na UFRJ,⁸ porque você passou por mais universidades do que a maioria das pessoas que eu conheço.

A minha passagem pelo grupo de estudos Sport⁹ foi o momento em que, naquele processo todo, eu realmente entendi o que era ser pesquisador. Porque, enquanto você está fazendo a tese, é a sua vida: fazer a tese, terminar a tese, é tudo focado naquilo. Quando você vai para um posdoc, o Victor me colocou numa pós-graduação – no Programa de Pós-Graduação em História Comparada –, já fazendo orientação de mestrado, dando disciplina, escrevendo artigo e capítulo de livro, desenvolvendo trabalhos e obras coletivas, participando da edição da revista *Recorde*. O cara me apresentou o cardápio do mundo acadêmico: “Olha, você está aqui, é isto que tem para fazer”.

Fiz o posdoc no Rio, participando de todas as atividades, e aí recebi uma proposta para dar aula numa universidade privada de São Paulo, a Uninove. A bolsa de posdoc era um terço do que eu ganhava dando aula nos colégios e cursinhos, então foi bem complicado, inclusive no aspecto familiar, de gerenciar os custos. Quando recebi a proposta para dar aula na Uninove, era um salário muito bom. E uma proposta para montar, do zero, um programa de pós-graduação em gestão do esporte. Os caras me contrataram para justamente ser o cara das Humanas, trabalhar com os aspectos mais críticos da gestão do esporte, fazer uma revista, fazer uma equipe de trabalho, montar o projeto, entregar para os órgãos de fomento, passar por todas essas etapas. Achei uma proposta interessante e acabei indo para São Paulo. E tive que encerrar o posdoc. Foi um período legal. Todo mundo que trabalhou numa universidade privada sabe qual é a pegada do negócio, né? Foi um projeto desafiador. Conseguimos colocar a gestão do esporte para rodar, formamos vários mestres em gestão profissional do esporte.

Infelizmente, o projeto estava muito ligado à questão dos Jogos Olímpicos [de 2016] e da Copa do Mundo [de 2014]. Havia toda uma ligação do programa com essas questões de incentivo ao esporte do governo.¹⁰ Então, em 2016, quando houve aquela confluência de acontecimentos – os Jogos Olímpicos, a queda da [então presidente] Dilma [Rousseff] – o pessoal encerrou o Programa de Mestrado em Gestão do Esporte. Apesar de haver bolsa de 100% e de estar numa cidade como São Paulo, havia pouca procura. Havia procura de um pessoal que achava que era uma especialização. Mas tinha que entregar uma dissertação, então era um negócio pesado, tinha que ter produção para ajudar o programa, tinha

⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹ Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

¹⁰ Refere-se aos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016).

que publicar, então muita gente desistia.

Fiz contato com professores maravilhosos. Trabalhei com o Sérgio Giglio, que hoje é professor da Unicamp,¹¹ com o professor Ary Rocco, que hoje é professor da USP, conheci o professor João Paulo Lara de Siqueira, que trabalha com gestão pública e teoria de redes, um cara sensacional. Teve esse lado bom. Mas tem o lado da universidade privada, né? Querem a tua alma e o teu couro, e te cospem fora de uma hora para outra, como se você não fosse nada.

Eu já tinha tentado outros concursos e tinha sido aprovado em um concurso da UFF¹² em Campos dos Goytacazes e acabei não indo, porque estava envolvido em outros problemas, na época. Justamente quando eu saí da universidade privada, começaram os gargalos maiores com a universidade pública. Começaram a ficar mais rarefeitos os concursos. E pensava: “eu preciso passar, eu preciso passar”. Eu prestei alguns concursos. Chegou uma hora que eu falei: “Eu preciso dar aula. Não aguento mais estudar para concurso.”

Aí eu fui prestar concurso para substituto. Minha companheira é do Sul, daqui de Santa Maria, e fiz um concurso para professor substituto em Pelotas. Passei e foi uma experiência maravilhosa. Saí com vários amigos da UFPEL,¹³ em seis meses que eu estive lá, e um grande amigo, o Jonas Vargas. Mas fiquei pouco tempo, porque apareceu o concurso aqui para a Federal de Santa Maria, para professor adjunto, e vim e passei. Já terminei meu estágio probatório e estou felizão aqui em Santa Maria.

Gostaria que você falasse um pouco dos achados da sua tese de doutorado e como eles se relacionam com certas ideias recorrentes no que eu chamo de “senso comum do esporte e do futebol”, inclusive no jornalismo esportivo.

Vou explicar, resumidamente, o que é a minha tese: os dirigentes do Vasco da Gama, a maior parte deles portugueses ligados ao comércio, resolveram montar um time de futebol forte. O Vasco tinha regatas e o time de futebol foi montado bem depois. Só em 1915 que montaram o Departamento de Futebol e o time era muito fraco. Se inscreveram na terceira divisão e era motivo de chacota pelos resultados pífios.

Eram homens de negócio e usaram essa lógica para montar o time de futebol. Para poder fazer bons negócios com o Vasco da Gama e para ter um time vencedor, precisavam ter bons jogadores. E só tem um jeito de ter bom jogador, em qualquer momento do mundo do esporte, seja ele amador ou profissional: ou o cara “nasce” no teu clube, ou você tem que trazer ele de fora. E, para trazer ele de fora, a não ser que o cara brigue onde ele está, só tem um jeito: tem que pagar. A minha questão foi essa:

¹¹ Universidade Estadual de Campinas.

¹² Universidade Federal Fluminense.

¹³ Universidade Federal de Pelotas.

esses homens de negócio do Vasco da Gama resolveram romper com determinadas regras do futebol amador e pagar os jogadores. E os melhores jogadores eram brancos pobres e negros dos times do subúrbio do Rio de Janeiro. Eles foram lá e... [gesto com as mãos como quem deposita cédulas de dinheiro para realizar um pagamento].

Eu uso uma lógica marxista para entender essa relação de uma burguesia contratando jogadores, mão-de-obra – *pé-de-obra*, como alguns gostam de falar –, trabalhadores para fazer o time ser campeão. E, com isso, alavancar a popularidade do clube, o número de sócios do clube, a possibilidade de arrecadação do clube, as estruturas físicas esportivas do clube, a inserção dos seus dirigentes no meio político mais duro. O nome da tese é justamente esse: *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Como é que esses portugueses e esses brancos pobres e negros do Rio de Janeiro se inseriram nesse novo arranjo econômico no futebol.

Acho que consegui provar a minha hipótese. Consegui apresentar essas documentações. Você falou dos “achados da tese”. Para mim tem um documento que foi crucial, entre todos os documentos das ligas suburbanas, e tal. Tenho que falar isso, porque foi o grande achado da tese e foi no Vasco da Gama. A grande maioria dos clubes de futebol são associações privadas. Portanto, seus arquivos também são privados. E todos nós que trabalhamos com história do esporte sabemos a dificuldade que tem para acessar arquivo de clube. Pois foi Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama na época, o único presidente, dentre *todos* a que eu já fui até hoje,¹⁴ que liberou a documentação do Vasco inteira. Quem estava no Centro de Memória era o Ricardo Pinto dos Santos, também grande amigo, e que estava junto comigo quando eu achei o documento. Eu falei: “Estou atrás do documento que mostre que os caras pagavam os jogadores”. E eu duvidava que isso aparecesse. Eu falava para todo mundo: “Nenhum clube vai colocar esse tipo de coisa em ata.” Pois o Vasco colocou. Há uma ata com uma lista de jogadores e os valores que eles pagaram para cada um. Jogadores que eu tinha identificado, que a imprensa falava que recebiam dinheiro, que apareciam nas acusações dos outros clubes na Liga Metropolitana. Estava lá. Foi o grande achado.

A segunda parte da tua pergunta é uma coisa que aconteceu e que é uma loucura. Muito vascaíno leu a tese. E isso passou a ser uma legitimação de um discurso memorialista do Vasco, como se o Vasco fosse “o clube que tivesse lutado contra o racismo no Rio de Janeiro”, “e os camisas negras, e tal” [imita pessoas falando com ênfase]. E eu tinha falado: “Meu, pera aí, cara! O que os caras fizeram foi explorar o proletário! Não tem nada de luta antirracista, não.” Os caras brancos, empresários, falaram: “Para nós ganharmos do Flamengo, do Fluminense, do Botafogo e do

¹⁴ Como se verá adiante, refere-se a presidentes de diferentes clubes, não apenas do Club de Regatas Vasco da Gama.

América, só se tiver aqueles jogadores ali.” E aí foram lá e contrataram. Romperam a barreira? Romperam. Mas, *em nenhum momento* – eu, pelo menos – vi alguém dizer: “Não farão isso com os nossos jogadores negros! Jamais! Porque isso é racismo!”

Inclusive quando foi criada uma nova liga, a AMEA, Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, ela convidou o Vasco: “Mas, para participar, tem que excluir aqueles jogadores”. E tem a tal da *resposta histórica*: que o Vasco não vai excluir. Mas em nenhum momento, por exemplo, *ele acusa a AMEA de ser racista*, de os jogadores estarem sendo excluídos porque são negros. São excluídos por que são pobres! Não estou dizendo que não havia o racismo. *Havia o racismo, explícito*. Estou dizendo é que a luta do Vasco não era uma luta antirracista. Era uma luta por manter os seus jogadores campeões.

Assim que profissionalizam os jogadores, em 33, há, na documentação, uma outra fonte bem interessante: pedidos dos sócios para que os jogadores *não usem mais a entrada social do clube e não usem mais as dependências sociais* do clube. Inclusive falando que comiam mexerica e jogavam casca no chão etc. Eu mostro no final da minha tese, e falo: “Olha, está vendo? É isso”. Porque antes, eles eram profissionais, mas não podiam ser legais [legalizados], porque não havia essa figura [do jogador profissional]. Eles tinham que ser sócios, então não podiam ser impedidos de frequentar outros espaços do clube. Quando eles viraram trabalhadores (quando profissionalizou legalmente), tiveram que entrar pela outra entrada, parar de ir na piscina.

Aí, na defesa da tese, o professor Hilário falou, na arguição: “Então a tua tese não pode chamar *Revolução Vascaína*.; com dois pontos. Quando for publicar o livro, você vai colocar *Revolução Vascaína?*, com interrogação. Porque você está colocando em xeque uma expressão que foi cunhada e muito celebrada pelo Mario Filho. Então problematiza no título, já. Avisa o teu leitor que, para você, não houve revolução nenhuma.”

E o uso que fazem é exatamente esse: ao contrário [do que a tese sustenta]. Já vi discussões em redes sociais... Uma vez estavam falando do Vasco – sempre que falam desse negócio, alguém põe o link da minha tese –, e me marcaram, por isso que eu vi, um torcedor do Fluminense escreveu: “Depois que esse cara escreveu essa tese, vocês passaram a falar dessa merda. O cara até foi honesto. [ri] Mas vocês só usam pra isso.”

O Ricardo Pinto dos Santos publicou um texto recentemente e deu uma repercussão grande, bem complicada.¹⁵ Os caras acusando: “Você não leu a tese do Malaia! Porque a tese do Malaia prova isso, prova aquilo!”

¹⁵ SANTOS, Ricardo Pinto dos. Pretos, não te enganes, no esporte nenhum branco lutou por ti. *Ludopédio*, 1 set. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/pretos-nao-te-enganes-no-esporte-nenhum-branco-lutou-por-ti/>.

Vou publicar o livro agora em 2023, que vai ser o ano do centenário do campeonato de 23. E vou lançar com a interrogação.

A tese ficou com interrogação no título ou não?

Não ficou. Na USP você não pode mudar depois da banca, então a tese foi do jeito que estava.

Já ouvi de uma pessoa ligada ao Vasco da Gama que, quando fosse publicar o trabalho, para que eu entrasse em contato, que com certeza iam botar uma grana na publicação. Eu falei que ia haver uma alteração, que ia ter uma interrogação no título. Aí responderam: “Ah, não. Aí, complica pra gente”. [ri]

Você é reconhecido por fazer pesquisa pesada em arquivos. Dos arquivos e acervos em que já trabalhou, quais te pareceram mais interessantes? Tem alguma história curiosa para contar?

Dependendo da pergunta que nós estamos nos propondo a responder, qualquer arquivo é fascinante. Eu me delicieei em todos os arquivos em que eu entrei. Todos eles foram, de alguma forma, especiais pra mim. Posso comentar alguns com você.

O arquivo de Santa Maria tem processos-crime que são maravilhosos para a gente estudar vários aspectos do lazer popular no início do século XX. Porque a memória popular aqui é que “os bailes, os clubes, as festas” e, na verdade, os processos-crime mostram um *outro mundo* do lazer em Santa Maria, com prostituição, com baile que tem facada e morte, tudo que a gente pode imaginar.

Os arquivos de clube, que têm essas histórias, por exemplo, a do *doutor Eurico Miranda* ter sido o único cara que me liberou arquivo de clube até hoje no Brasil. Uma vez eu falei isso numa palestra sobre políticas de memória no Pinheiros.¹⁶ O diretor foi lá no microfone depois: “Fique sabendo que aqui no Pinheiros você tem acesso a toda a documentação, tal, tal, tal...” Eu duvido que, se eu for lá, o cara vai me dar toda a documentação. Mas, ali em público, falou, né?

De clubes, o que eu consegui ver? No Rio, o acervo do América,¹⁷ só depois que um amigo de um amigo, que era conselheiro, levou o pedido para análise numa reunião... Arquivo de clube tem sempre um guardião do castelo feudal, que fica ali com uma espada dizendo: “Ninguém entra aqui!” [coloca o braço para trás, como se estivesse segurando uma espada, pronto para golpear a pessoa com quem está falando]. Lá no América eu consegui ver coisas legais, mas não me deixaram fotografar. No Boca,¹⁸ fui super bem recebido. Apesar de eu não conseguir ver as

¹⁶ Esporte Clube Pinheiros (São Paulo/SP).

¹⁷ América Futebol Clube.

¹⁸ Club Atlético Boca Juniors (Buenos Aires, Argentina).

atas, vi uma série de documentos interessantes. Quem me liberou bastante coisa também foi o Museu do Barcelona.¹⁹ Tem um acervo legal, um arquivo massa, bem feito, com uns quatro historiadores contratados, profissionais trabalhando com mesa, com máscara, luva, toda a estrutura que você precisa para fazer pesquisa.²⁰

No Rio de Janeiro, tem o Arquivo Nacional, que é uma joia rara. Tem uma documentação dos clubes suburbanos, muito acervo de clube, bloco de carnaval, associações literárias, clubes de poesia. Tá tudo lá: estatutos, notificações da polícia, o quanto os caras pagavam, muitas vezes a relação de sócios. Para a galera que curte estudar pós-abolição, ir atrás desses personagens, ali tem muita coisa. O Arquivo [Geral da] Cidade do Rio de Janeiro tem muita coisa legal também. Muito acervo interessante de mapa, de cartografia da cidade. Dá para identificar espaços esportivos de lazer e as mudanças ao longo do tempo.

Arquivo [Nacional] da Torre do Tombo, em Portugal, maravilhoso! Estudar os jogadores de futebol presos pela PIDE,²¹ ver os pedidos de clubes esportivos ligados ao salazarismo. O Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS), onde tem muitos processos-crime interessantes, pesquisas que você pode fazer por nome, por região, por sobronome. Tô falando dos físicos. Porque ainda tem os digitais. [ri]

Isso era a pergunta seguinte. [ri] Pedir para você falar da digitalização.

Os arquivos físicos vão nos ser úteis dependendo das perguntas que a gente tem. Em relação aos arquivos digitais, para um pesquisador como eu, morando numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, os arquivos digitais são o que me proporciona dialogar com um pouco mais com o mundo de maneira intensa. Eu posso escrever coisas sobre Santa Maria e dialogar com o mundo, numa boa. Mas jamais eu iria conseguir do jeito que eu e você estamos dialogando, por exemplo, no nosso artigo dos estádios, em que a gente está falando de 14 estádios de estados diferentes.²² Isso só é possível quando você tem uma política de sistematização e digitalização dos acervos.

E hoje a gente tem muito acervo. Já tem dez anos, pelo menos, que existem perguntas que quem trabalha com arquivos digitais faz.

¹⁹ Fútbol Club Barcelona (Barcelona, Espanha).

²⁰ Sobre o Museu do Barcelona, ver a entrevista com Carles Santacana realizada por Euclides de Freitas Couto e publicada nesta revista em 2018: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/21643/12069>.

²¹ Polícia Internacional e de Defesa do Estado, polícia política atuante durante o governo de António de Oliveira Salazar.

²² MALAIA, João Manuel Casquinha; FORTES, Rafael. 'Brasil-grande, estádios gigantesco': toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985". *Tempo*, Niterói, v. 27, n. 1, p. 165-183, Jan./Abr. 2021. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v27n1/1980-542X-tem-27-01-165.pdf>>. A proposta é que a pesquisa resulte também em um livro.

Antigamente, nós tínhamos escassez de fontes. Com a História passando por digitalização de documentos e acervos, hoje a gente tem excesso de fontes. Na verdade, passamos de um paradigma para outro, completamente oposto. E meio perdidos: “Ah, vamos para o arquivo digital! Eba! Tem coisa digitalizada!” Nós não sabemos, muitas vezes, quais acervos, especificamente, estão digitalizados. Aquela coisa que tem no arquivo físico: “Olha, todas as pastas dessa prateleira são desse assunto.” Aí você pega e vai.

No arquivo digital, por exemplo, tem a busca por palavra-chave. Mas, às vezes, estou procurando um processo inteiro, quero entender alguma coisa mais profundamente. Então você tem que se adaptar às ferramentas de busca e aos mecanismos de acesso ao documento para começar a ter uma ideia. Diferente do arquivo físico, onde a gente ia, às vezes passava uma tarde inteira para encontrar um documento, e falava: “Caramba! Encontrei o documento! Era isso aqui que eu precisava.” No digital, às vezes você encontra, em uma tarde, duzentos documentos: “Caramba, mas era isso que eu precisava. Agora eu vou ter que trabalhar com os duzentos documentos.” Porque, se eu sou mesmo historiador e vou trabalhar com os fragmentos do passado, para depois reuni-los e tentar colocar numa ordem lógica, eu não posso, simplesmente, achar duzentos documentos e falar: “Ah, esses aqui eu não vou ver, porque não interessam” ou “ah, esses documentos não estão de acordo com aquilo que eu gostaria”. Não, eu vou ver os documentos. Se eu vou incorporar ao meu trabalho ou não, é outra coisa. Mas eu vou ver do que se trata. Se eu tô estudando estádio e tem um documento que fala de estádio, eu vou ver o que é. Porque, se o documento tem, como você viu, quinhentas páginas, só para a gente entender o que o estádio está fazendo dentro daquele documento, às vezes gasta uma hora. [ri]

A gente tem o Sistema de Informações do Arquivo Nacional [SIAN], a Hemeroteca Digital e uma série de outros documentos digitalizados da Biblioteca Nacional. Tenho trabalhado os documentos digitalizados de assembleias legislativas estaduais, por causa dos estádios. Tenho encontrado coisas sobre o Vivaldão,²³ e lá na Assembleia Legislativa do Amazonas, tudo pode ser buscado por palavra-chave. Então você digita “estádio” e, *puf*, aparece toda a discussão na Assembleia, todas as normas, todas as leis, todos os aditivos que tinham que ser aprovados pela Assembleia, o deputado que encaminhou. A gente que trabalha com história e com documentos digitalizados ainda tá tateando esse mundo, sabe? Vai pegando as coisas aos poucos.

No arquivo aqui de Santa Maria, uma parte dos processos-crime foi digitalizada. Fizeram uma parceria com a Arquivologia da UFSM, fizeram um edital público, conseguiram comprar uma máquina de digitalizar. Mas acabou bolsa, aí parou. Só estão os processos lá digitalizados, num sistema legalzinho. Não tem busca por palavra-chave, mas tem listagem

²³ Arena Amazônia Vivaldo Lima, em Manaus/AM.

de nomes de acusados etc. e você vai ver o processo do cara.

Se você vai para fora do Brasil, nossa senhora! Argentina tem começado a alimentar um monte de sites de jornais, de documentação, publicando documentos também da ditadura. No Uruguai, estão começando. No Chile tem bastante coisa. Nos Estados Unidos, então, pelo amor de deus! Na Inglaterra. São aqueles baita sistemas que você não sabe nem começar a procurar. Eu sou fascinado por isso.

A gente que fez História, uma das coisas que nos diferencia das outras áreas de Ciências Humanas. É ser um pouco obstinado por encontrar documentos e por contar a história da melhor maneira possível, sabe? Eu não vou conseguir desenvolver quadros teóricos muito complexos se eu estiver falando de um processo que durou vinte anos e envolve a construção de 14 estádios públicos. Não tem jeito: eu preciso contar essa história. O mais importante é que as pessoas *saibam dessa história*, que essa história esteja ancorada na memória das pessoas, para que elas entendam que aqueles estádios foram um antro de roubalheira, que houve até gente torturada por causa da porcaria dos estádios. Então aposto nisso: “vamos lá, vamos atrás das fontes”, me divirto, perco horas, e tal, mas acho que a gente não pode perder a nossa essência de ser historiador, de ser historiadora. Porque a galera das outras áreas não vai fazer isso. O cara que estuda Sociologia está muito mais preocupado com questões gerais, vai lá e pega dois ou três recortes do passado e tá ótimo pra compor aquele quadro dele. A gente *não admite isso*. [ri] “Não, a gente precisa contar essa história direito, precisa ver se isso que você está falando é assim mesmo.” Fazer um pouco esse papel do *chato*.

Muitos historiadores consideram trabalhos sobre Rio de Janeiro ou São Paulo como história nacional e trabalhos sobre outras capitais e estados como história regional. Como avalia essa postura?

Já trabalhei numa universidade do Rio de Janeiro, escrevendo sobre Rio de Janeiro. E agora trabalho numa universidade de Santa Maria, no interior, perto da fronteira, e já escrevi também sobre o Rio Grande do Sul. A maior parte dos meus colegas de Santa Maria, do Rio Grande do Sul, faz essa crítica. Exatamente essa crítica textual que você coloca.

E aí tem aquelas brincadeiras. O professor José Remedi, que é da fronteira mesmo, de Santana do Livramento, fala: “Se eu fizer um trabalho sobre Santana do Livramento, é história local. Mas, se eu atravessar a rua e fizer sobre Livramento e Rivera, já é transnacional.” [ri] A galera daqui acaba fazendo essa crítica por muitas obras terem sido escritas com a documentação que era do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de Minas – vamos colocar Minas, porque também entra – como se aquilo fosse a história da nação, a história nacional.

Eu vejo que isso pode até acontecer em certa medida. Mas não é tão recorrente. Uma das coisas que a gente não pode negar – e aí, eu, falando

como um cara que estudou o Rio de Janeiro –, é que determinadas capitais, determinados lugares, estabelecem parâmetros de comportamento, de vestimenta, linguísticos, hábitos culturais de maneira geral. Não vou discutir os motivos: “Ah, porque a Globo, porque a televisão...” Seja o que for, estou só tentando fazer aqui uma constatação. É fato que isso acontece. É fato também que, muitas vezes, os historiadores que trabalham fora desses lugares, para fazer essa crítica, acabam usando o Rio de Janeiro e São Paulo como parâmetro. Porque, para fazer essa crítica, você precisa dizer: “Aqui era assim *antes de lá*” ou “aqui era *diferente de lá*”.

O professor Luís Augusto Farinatti tem um trabalho brilhante sobre história agrária, que dialoga com qualquer história agrária de qualquer parte do mundo. Eu, o professor José Remedi (daqui da UFSM) e o professor Jonas Vargas (da UFPel) escrevemos um trabalho sobre Rio de Janeiro e as carreiras, tentando mostrar as carreiras como um outro lado da modernidade. A modernidade sendo o turfe, e as carreiras, aquelas corridas de cavalo mais tradicionais aqui do Sul, sendo um aspecto mais tradicional.²⁴ “Ah, isso é história local do Rio Grande do Sul?” Não sei, porque a gente tá usando como parâmetro de modernidade o Rio de Janeiro, São Paulo e o turfe. E, na verdade, o Rio [de Janeiro] e São Paulo usaram como parâmetro de modernidade Londres, Los Angeles, Paris, Nova Iorque. É inegável. Pega uma linha do tempo e vê qual foi o primeiro clube de turfe do mundo, depois vê qual foi o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto. Você vai ver que foi se espalhando pelo mundo numa escala temporal. Os estatutos do Jockey Club do Brasil são cópia do jôquei clube de Paris, traduzida para o português. Como que isso não é parâmetro de modernidade? O cara vai abrir o jôquei clube em Pelotas, ele pega o estatuto do jôquei clube do Rio de Janeiro para usar como parâmetro. Agora, o que a gente tá tentando mostrar é que, apesar desse parâmetro de modernidade que eram os clubes de corrida, os clubes de corrida morreram e as carreiras estão aí. Viraram até patrimônio histórico do estado [do Rio Grande do Sul]. Qual é a nossa ideia? A partir desses estudos daqui, problematizar as experiências de outros lugares que podem colocar em xeque esses padrões de modernidade na longa duração. Depois de 100, 150 anos, o que aconteceu com aquele fenômeno? Foi o que a gente tentou ver.

O principal é você escrever uma história, seja da onde ela for, entendendo as potencialidades que ela tem de diálogo com qualquer outro lugar do mundo. Sem deixar de perceber que determinados temas, infelizmente, decorrem de parâmetros que vêm de outros lugares. Agora, se você vai abordar isso tudo ou não... A gente nem falou do Rio de Janeiro nesse trabalho das carreiras. Mas qualquer um que sabe da história do turfe no Brasil – e a gente usou o turfe como parâmetro da modernidade – sabe

²⁴ MALAIA, João Manuel; REMEDI, J. M. R. ; VARGAS, J. . Uma reunião de carreiras de cavalos : lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX. *Topoi: Revista de História*, v. 21, p. 682-704, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fqxdwCBzGrSsHyrRHcYc8FL/?lang=pt>.

que o primeiro clube foi no Rio, o segundo foi no Rio, o terceiro foi no Rio. Aí fizeram um em São Paulo, para depois ter um em Pelotas, depois outro em Porto Alegre, depois *mais um* no Rio. Até chegar a um momento em que São Paulo tinha uns quatro; Rio de Janeiro tinha seis; e Porto Alegre, um lugar que tinha muito cavalo também, tinha quatro; Recife tinha dois. Às vezes as cidades tinham dois, mas o resto é um clube por cidade, no máximo.

Infelizmente os trabalhos de história econômica que abordam o esporte no Brasil são poucos.

São.

E são muito menos lidos do que deveriam. Que contribuições você destaca nesses trabalhos para a compreensão da historicidade do fenômeno esportivo em terras brasileiras?

Primeiro de tudo: os trabalhos mais básicos que tentem compreender o esporte no Brasil, as modalidades, os clubes, no seu processo histórico pensando que ele é um processo *também* econômico, já trariam um enorme ganho. Lembrar que, para ter um clube, precisa ter um campo, baliza, vestiário, uma estrutura física que custa dinheiro. Porque, aí, você começa a entrar um pouco mais nas entranhas do negócio, né? Precisa levantar dinheiro, aí os dirigentes do clube vão se envolver com política, com doação de terreno, com esse tipo de coisa. Essa é uma primeira grande contribuição que vejo, nos poucos trabalhos [que existem] de história econômica mesmo: chamar a atenção do leitor para esse aspecto do esporte, que é muito pouco trabalhado.

Um dos artigos que eu publiquei fala sobre as ligas.²⁵ Vou usar as terminologias americanas, porque no Brasil, você começa a falar isso, as pessoas respondem: “Ah, não é liga, e tal”. Quando vários clubes se juntam para montar um campeonato, isso é uma *liga*. Ponto. “Ah, mas no Brasil não é liga, é confederação.” É questão de nome, de terminologia. Vamos usar liga. O trabalho fala justamente que a formação dessas ligas é formação de monopólios. Quando os clubes grandes do Rio de Janeiro se fecham e formam uma liga, seja ela Liga Metropolitana de Desportos ou a AMEA, ou qualquer outra... Flamengo, Fluminense, América, Botafogo, Madureira, Bangu, São Cristóvão falam: “Vamos formar uma liga.” Pronto, fechou. Para entrar na liga, tem que pagar tanto, o jogador tem que ser assim, tem que ter uniforme, campo. Pensando em termos do processo histórico, aquele grupinho fechado começa a ditar as normas do jogo. Só que aquele grupinho fechado só é fechado porque está ligado a um outro grupo maior, também fechado, que é o das confederações,

²⁵ MALAIA, João Manuel. O Monopólio nos Esportes: uma comparação da organização dos esportes comercializáveis nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil (1870-1920). *História Econômica & História de Empresas* (ABPHE), v. 15, p. 47-80, 2012. Disponível em: <<https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/229>>.

das ligas nacionais. Elas vão estar ligadas à Fifa.²⁶

É tentar mostrar que tudo isso é uma estrutura de monopólio. Quando a gente pega a AMEA e as ligas suburbanas do Rio de Janeiro, por que as ligas suburbanas não viraram as principais ligas do Rio de Janeiro? Porque elas não eram dirigidas pelas pessoas mais influentes da sociedade, porque não eram clubes onde elas levavam suas mulheres para jantar, porque não ocupavam as páginas dos principais jornais (que eram financiados, muitas vezes, por donos ou diretores desses clubes maiores da elite; e, nesses jornais, também trabalhavam sócios desses clubes maiores ou gente apaixonada por eles). Eram clubes de subúrbio, em que basicamente havia vinte jogadores que jogavam muito e um campo pelado. É bom ser pesquisador de um determinado tema e conhecer o tema de maneira profunda. A gente vê muito esporte, acompanha desde muito tempo, né? Então eu, por ver futebol durante muito tempo, sei que o cara não vai simplesmente pegar 14 jogadores que jogavam a segunda divisão ou uma liga menor (que não é nem segunda divisão... tem a primeira, segunda, terceira, depois tem uma liga menor lá). Aí você pega 14 jogadores daquela liga menor e bota num time aqui [de uma liga importante], e esse time, em quatro anos, ele é campeão da segunda divisão e da primeira divisão. Isso não acontece, não existe no futebol. A não ser que aqueles 14 caras *joguem muito*, e provavelmente muito melhor do que os caras que jogam essa liga aqui. Então esses indícios me colocam que os jogos no subúrbio, provavelmente, eram muito atraentes, muito bons tecnicamente. E por que, então, eles não eram procurados? Porque não estavam ligados a essa rede, que era uma rede social, *mas ela é econômica também, porque só quem tem posses é que consegue adentrar essa rede*.

E tem muita coisa que precisa ainda adentrar. Eu e o Victor escrevemos um artigo sobre a primeira loja de material esportivo que o Rio de Janeiro teve, a *Casa Sportman*.²⁷ E foi muito legal a gente entender a dinâmica daquela loja dentro da cidade, como fornecedora de material esportivo para uma cidade que estava se tornando uma cidade esportiva – padrão de modernidade, inclusive. [ri]

Esses elementos podem nos ajudar a revigorar um pouco os estudos da história do esporte. E pensando em qualquer modalidade. Por exemplo, as questões econômicas ligadas ao desenvolvimento do basquete, do judô, do surfe, do skate. Por que em determinados lugares é clube, noutros não é. Qual o envolvimento que o clube tem com atletas de modalidades individuais, quando é que isso começa. São coisas que a gente nunca parou para pensar. Por exemplo, tem estudos clássicos da

²⁶ Federação Internacional de Futebol.

²⁷ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; MELO, Victor Andrade de. “Casa Sportman – sempre imitada, nunca igualada”: estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro; 1909-1922). *História Econômica & História de Empresas* (ABPHE), v. 23, p. 495-525, 2020. Disponível em: <<https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/752>>.

sociologia do trabalho contemporâneo que fazem aquelas diferenças de trabalho e de salário entre população negra, população branca, mulher, mulher negra. Por que não pensar isso para o futebol, que é o esporte profissionalizado há mais tempo no Brasil? Disparidade salarial entre jogadores brancos e negros. Todos os índices, na primeira divisão, a gente vai ver que a disparidade provavelmente não vai ser tão grande, talvez na segunda, também. Mas eu queria ver esses dados na linha do tempo, sabe? Construídos ao longo do tempo, para ver se a gente pode afirmar que, no futebol, os jogadores negros conseguiram ter um ganho econômico que seja um pouco mais equiparado aos jogadores brancos. Quais os impactos que isso tem para essa modalidade? Tem muita coisa para ser feita, ainda.

A partir do que você tá falando, eu diria duas coisas. Primeiro, uma questão de repertório: a gente tem uma atenção muito grande ao futebol – o que é compreensível –, mas tem também uma *universalização* dos parâmetros e dos olhares que são construídos a partir da análise do futebol, que absolutamente não serve para as outras modalidades. É super comum você ver, em textos – não só em debates em congressos, palestras etc. –, pesquisadores experientes equiparando a WSL do surfe ou a ATP do tênis à Fifa.²⁸

[ri]

E aí você fala: “Não, cara. A ATP é a principal liga privada profissional de tênis do mundo – de homens, porque nem sequer de todo o tênis ela é! Quem organiza competição nacional, de seleção, tênis nos Jogos Olímpicos e assim por diante é uma federação, a ITF – essa, sim, filiada ao COI etc.”²⁹ A mesma coisa acontece no surfe, no boxe. E se a gente for para e-sports ou para MMA,³⁰ que são esportes cujo processo de profissionalização está acontecendo na nossa frente, não tem ainda federação que seja reconhecida por todo mundo. Tem uma disputa de ligas, tem uma liga (UFC)³¹ que as pessoas tomam como se fosse sinônimo do esporte.

Não há sequer parâmetro nas regras.

O futebol é um exemplo de uma federação e confederação que se tornaram tão poderosas que conseguiram impor esse sistema aí, que é um sistema que eu sempre dou exemplo dentro de sala dizendo que é igual à unicidade sindical no Brasil. Não pode ter mais de um sindicato por base [categoria profissional] por unidade geográfica. Esse sistema de federações e confederações esportivas é isso. Inclusive no caso da mais poderosa delas, fagocitando outras modalidades. Quando a Fifa não estava nem aí para o futebol de

²⁸ Liga Mundial de Surfe (WSL) e Associação dos Tenistas Profissionais (ATP).

²⁹ Federação Internacional de Tênis (ITF) e Comitê Olímpico Internacional (COI).

³⁰ Artes marciais mistas (MMA).

³¹ Ultimate Fight Championship.

salão, havia Fifusa.³² A Fifusa ainda fez dois ou três campeonatos mundiais depois que a Fifa já estava organizando os dela, e depois acabou.

Acabou.

Isso vale para futebol de areia etc. Então, uma questão é essa: como a profissionalização do futebol e essa estrutura, e tal, é concomitante – e, em algumas coisas, é anterior – ao movimento olímpico, isso é tudo muito organizadinho e imposto de cima para baixo.

Agora, nos outros esportes isso é completamente diferente. No surfe isso vai começar a acontecer nos anos 70, 80 do século XX. E, no caso dos e-sports e do MMA, esse fenômeno tá acontecendo agora, na nossa frente: várias ligas, o cara começa a não ter bons resultados, sai do UFC e vai para uma outra.

Tenho a sensação de que a maioria das pessoas que pesquisam futebol tem parâmetros só do futebol. Isso é limitador para olhar o próprio futebol e é mais limitador ainda quando a pessoa usa *esporte* no texto [dela] tentando extrapolar, para outras modalidades, coisas que são específicas do futebol. E, às vezes, o contrário: está tratando como se fossem especificidades do futebol coisas que, se você for olhar o vôlei, o boxe ou algum esporte desses envolvendo corrida, você vai observar também o fenômeno. Só que as pessoas não lidam com essa bibliografia [sobre todas as modalidades que não o futebol], então elas não conhecem.

A segunda questão é o que você estava falando dos dados. Existe uma cobrança – correta, adequada – de documentos, de dados e tudo mais, quando você vai escrever sobre carreira de cancha reta, quando eu vou escrever sobre surfe. Mas quais são os trabalhos acadêmicos que apresentam dados substanciais para sustentar a ideia de que o futebol é uma oportunidade de ascensão social para o negro no Brasil? Provavelmente é... Agora, se isso é uma coisa tão óbvia, que todo mundo concorda, não deveria ser tão difícil assim haver trabalhos que apresentem esses dados.

Ou sobre *arenização*, *elitização* etc. Qual era o perfil do frequentador de estádio em 1915, nos anos 1930, em 1945, 1960, 1965, 1990? Se ninguém fizer pesquisa sobre nenhum desses períodos, qual é o parâmetro que a gente tem, de uma forma minimamente objetiva? Mesmo que você não consiga dizer qual era a cara e a cor da pele do frequentador, mas preço do ingresso, quanto custava. Acho que a história econômica poderia contribuir nessa direção. Não que esse problema não exista também em trabalhos de história econômica – de generalizar, fazer certas afirmações que não

³² Federação Internacional de Futebol de Salão.

estão completamente sustentadas em dados -, mas me parece que, proporcionalmente, têm um pouco mais de atenção a isso. E, de uma maneira geral, talvez trabalhos sobre outras modalidades [que não o futebol] tenham um pouco mais de cuidado, porque você tá partindo do pressuposto de que o leitor não conhece aquele universo. Enquanto no futebol tem um conjunto de coisas que ficam sendo repetidas, como o que eu falo da “arenização”. Não conheço um trabalho que tenha pego *um ano* que fosse do Campeonato Brasileiro, na década de 1990, na década de 2000 e na década de 2010... Define o que é “arena” a partir de um parâmetro objetivo, pega todas as rodadas e me diz quantos jogos da primeira divisão foram realizados em arena. Em 2021 é igual a 2016 e a 2013? 60%, 90% ou 40% dos jogos do Campeonato Brasileiro da Série A serem realizados em arenas (ou em não-arenas), a gente segue falando igual que é “arenização”, como se não tivesse diferença? Não é possível! Não estou negando a “arenização”, tenho a *sensação* de que é um fenômeno que se observa. Mas quais são os trabalhos consistentes que a gente tem sobre qual era o comportamento do torcedor do estádio nos anos 1990 – trabalho sério, de peso, com fontes, história oral, uso de imagem – para poder mostrar que hoje em dia mudou? Que não são os mesmos torcedores, que os torcedores se comportam de uma outra maneira. Você não fazer porque não tem fonte, para o século XIX, beleza... Como é que as pessoas se comportavam nessas carreiras? Você vai ter relatos, mas não vai ter imagens. Agora, *não é possível que, se a torcida do Flamengo era majoritariamente negra nos anos 1990 no Maracanã e hoje em dia não é, você não tenha conjuntos de fontes imagéticas para estabelecer algum tipo de comparação minimamente sistematizada!*

Vou fazer um adendo a essa mesma questão. Dados públicos, que você vai conseguir de maneira muito fácil. Se você pegar só os estádios e olhar a separação de venda de ingresso. Ou seja, quantos eram vendidos para a geral, para arquibancada, cadeira numerada, cadeira numerada coberta, aquelas diferenciações todas. Se você conseguir construir uma série numérica disso, ao longo do tempo, talvez, se você perceber que, sei lá: 60% do estádio na década de 80 vendiam os ingressos que custavam zero vírgula não sei quanto do salário-mínimo; e hoje, é tantos por cento do estádio e na faixa que custa metade do salário-mínimo. É história serial, história econômica. E tá tudo lá, é só pegar os jornais e ver. No máximo, ir no clube ou nas federações – e isso eles dão – para ver os borderôs, quanto que arrecadou, quantos ingressos foram vendidos de cada setor. Isso não sai um mestrado direitinho, para o cara fazer em dois anos?

Agora, a maior parte da galera tem, sei lá se é receio, medo. As perguntas que eu ouço: “Ah, mas como eu vou trabalhar os valores?” [imita alguém com tom de preocupação] Tem salário-mínimo desde 1940.³³ Estabelece

33

Cf.

<http://www.ipeadata.gov.br/exibeserie.aspx?stub=1&serid1739471028=1739471028>.

um índice e avisa para o seu leitor que não é o melhor índice, que não dá conta de toda a realidade, porque o que um salário-mínimo comprava em 1950 não é a mesma coisa que compra um salário-mínimo em 2010. Mas, pelo menos, dá uma ideia para o leitor de quantos por cento do dinheiro do trabalhador era gasto para o cara ir no estádio. Ou então você dá outros parâmetros: um quilo de feijão ou de arroz, é a alimentação básica do brasileiro desde a década de 40 até hoje. Então vamos ver quanto custa o ingresso em relação a isso. Para que a gente consiga mostrar exatamente isso que você está propondo: a tal da elitização, a tal da arenização. Eu não consigo entender mesmo porque a galera não faz. Falo isso sempre. Mas a gente tem esperança, ainda.

Naquele curso de história econômica que eu dei lá na UFRJ, comecei falando isso: quando a gente sai de casa, a gente começa a pensar em economia. “Quanto vou levar? Tenho dinheiro? Botei gasolina ou não? Quanto vou gastar, será que eu vou comer lá? Preciso levar meu cartão, será que tenho dinheiro no banco?” E, na hora que a gente tá fazendo o trabalho, a economia passa à margem do mundo, né? Não existe. [risos] Se você começar a colocar alguns elementos disso aí, já ajuda: quanto o cara gastou para ir até o estádio. Era isso que eu tentava fazer, mostrar que o cara que mora em Bangu e quer ser torcedor do Fluminense tá fodido, tem que gastar uma *baba* de dinheiro e de tempo.

Como tem sido a recepção dos seus artigos de história econômica do esporte e de história econômica do entretenimento nas revistas brasileiras de História? Me refiro aos pareceres e à posição dos editores da área, por exemplo.

O último artigo que eu escrevi de história econômica foi sobre uma casa de prostituição aqui de Santa Maria, das décadas de 1910 e de 20, por meio de processos-crime. Primeiro escrevi este artigo e submeti para o congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE). Foi super elogiado no congresso e depois eu recebi uma comunicação de que queriam publicar o trabalho completo na revista da Associação. Nesse meio tempo entre ter participado no evento e receber a comunicação da ABPHE, eu tinha convidado um colega, o professor Luís Augusto Farinatti, para fazer uma parceria, porque ele também gosta bastante de história econômica e trabalha com cidades. Ele veio para o artigo e deixou o artigo ainda mais robusto.

A gente mandou para duas revistas A1. Na primeira revista, veio um parecer em que estava escrito: “Aprovado”. O segundo parecer era de uma página inteira basicamente fazendo elogios ao artigo. No final: “Poderia ter trabalhado melhor uma questão assim, assim. Reprovado.” O primeiro aprovou. O segundo, na verdade, estava aprovando, mas reprovou. E aí veio um terceiro parecer descascando a lenha na gente, pedindo para a gente fazer duzentas mil coisas que a gente deveria ter feito, mas não fez. Ou seja, ele analisou o que a gente não fez, mas não analisou o que a gente fez. E recusou.

A gente fez um teste e mandou igualzinho para outra revista. Vieram dois pareceres recusando, também. Um deles não falava coisa com coisa, dizia que o tema precisava ser aprofundado. O outro recusou dizendo que os dados que a gente tinha eram insuficientes para caracterizar o trabalho como de história econômica. Detalhe: a gente tinha valores de quanto ela [a cafetina] pagava pelo aluguel do prédio, quantos quartos ela tinha e quanto cobrava por cada quarto, e os valores dos quartos das pensões adjacentes (que não eram casas de tolerância, eram hotéis e pensões mesmo). A gente podia fazer o comparativo de que essa cafetina cobrava por um quarto de pensão numa rua vicinal de uma *quebradinha* do Centro de Santa Maria o dobro do que a diária do principal hotel da cidade. Então alguma coisa tem naquela pensão... A gente tinha todos esses valores e os das multas que ela teve que pagar pelos processos e os honorários dos advogados. Mas isso, segundo a sumidade que analisou o artigo, era insuficiente para caracterizar como um artigo de história econômica. Como se o artigo de história econômica tivesse que estar cheio de tabelas seriais de salários e coisas assim. A gente não entendeu direito e recuou. Pegou e deixou de lado. É uma história fantástica e daqui a pouco a gente vai tentar fazer outra coisa com ela.

O artigo da Casa Sportman, que escrevi com o Victor [Melo], a gente mandou direto para a revista da ABPHE e foi aprovado de cara. Veio com aquelas considerações: “Cuidado aqui, tem uma coisinha que pode melhorar”. Ou seja, os trabalhos que a gente faz de história econômica com história do esporte, do lazer, são recebidos com um dez na área de história econômica. Adoro ir apresentar nos congressos de história econômica, principalmente para os professores da UFF – Carlos Gabriel, Cezar Honorato, Pedro Campos (que é da Rural,³⁴ mas faz parte do grupo de pesquisa) –, os caras adoram o trabalho: “Genial! Super criativo!” E aí o mesmo trabalho, fora da história econômica, recebe um parecer dizendo que eu não tenho dados para ser um trabalho de história econômica. Então... [sorri amarelo, constrangido]

Mas a história econômica está em crise desde os anos 90. Não temos pós-graduação de história econômica no Brasil, os trabalhos de história econômica não têm adentrado as principais revistas, seja de esporte ou de qualquer outra área. Começou a falar de história econômica, a galera já dispensa. Essa é a impressão que eu tenho e a gente acaba perdendo muito.

Você também tem uma trajetória de apresentar trabalhos no exterior e publicar em revistas em inglês. Como vê a acolhida dos seus trabalhos por essas revistas? Vale a pena o esforço e o custo?

Eu acho que deveria escrever mais. E por isso eu e o Victor [Melo], a gente fez um esforço para montar um dossiê para a *The International Journal of*

³⁴ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

the History of Sport sobre governos autoritários: ditadura e esporte na América Latina. A gente conseguiu uma galera de vários países, um bom panorama. Quando fui escrever a apresentação do dossiê, fiz uma pesquisa nas revistas, para ver o que tinha de história do esporte e autoritarismo na América Latina. Não tem quase nada. O próprio *International Journal* tem três artigos de um cara, mais um de outra pessoa.

Quando eu fui apresentar fora, os trabalhos foram bem recebidos, foram dossiês que falavam de história do esporte no Brasil, então teve essa facilidade. Nunca tentei para uma revista fora disso. Tenho um sonho, um dia eu vou conseguir: publicar na *Radical History*. Não é a revista mais *top* naqueles índices, mas é a revista mais *top* que tem. [ri]. Talvez, só, a *New Left Review*, mas essa daí é muito para mim. Não dá. [ri] Mas a *Radical History*, um dia eu chego lá. Teve um dossiê de história do esporte há pouco tempo.

Eu acho que vale o esforço. Sabendo que são revistas boas como aquelas que a gente manda aqui no Brasil. E você pode ter um esforço brutal para fazer um artigo para uma revista A1 e mandar e não conseguir entrar. Acho que a galera de fora sabe muito de outros assuntos e sabe pouco de alguns assuntos que são importantes aqui no Brasil – mas que eu acho que também os brasileiros sabem pouco. [ri] Por exemplo, essas questões que a gente vem estudando da ditadura e esporte no Brasil, acho que valeria o esforço, porque a comunidade internacional está engajada atualmente em abraçar essas temáticas de denúncias ao autoritarismo, a governos antidemocráticos. Eu e o Victor, a gente tentou pensando nisso, tanto que, na apresentação, a gente fala do [Viktor] Orbán, das questões que estão acontecendo na Hungria e que, aqui no Brasil, a gente tem também pessoas mexendo com autoritarismo, e o momento é propício para isso, para pensar a historicidade desse processo. Os caras curtem os trabalhos que a gente faz. Você, que publica em inglês, sabe disso. Eles ficam *putos* que a gente não escreve mais em inglês, inclusive: “Façam esse esforço, para a gente poder ler vocês.” Porque os caras não vão aprender a ler português, não vai acontecer isso. [risos] Escrevo pouco, até. Isso é uma das coisas que me coloquei para os próximos dez anos: ampliar o diálogo em inglês, com revistas internacionais, com a comunidade internacional.

Além dos trabalhos relacionados aos temas que você pesquisa, o que mais gosta de ler de literatura acadêmica?

Eu acabo lendo e incorporando no meu trabalho, porque eu não consigo [não fazer isso]. Por exemplo, tenho lido muito sobre memória, patrimônio, patrimônios difíceis, usos públicos do passado. E isso acabou me levando a fazer outras atividades, como o Mais História, por favor!,³⁵ lecionar disciplina de história pública. A gente tem tão pouco

³⁵ Trata-se do “projeto de popularização das pesquisas e atividades desenvolvidas” em diferentes programas da área de História da UFSM, principalmente por meio de

tempo na nossa vida de pesquisador (dar aula, orientação, reunião, pós, graduação), que acaba tendo que selecionar o que lê.

Li o livro, há pouco tempo, do [Jacques] Le Goff sobre memória. Acabei de comprar esse, que é um clássico, do Henry Rousso, *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*, que fala sobre história do tempo presente [pega o livro e exhibe na câmera]. Não trabalho especificamente com história do tempo presente, mas trabalho com história pública e esse livro é um clássico, comecei a ler e me apaixonei. Gosto de ler estudos pós-coloniais, decoloniais, acho que é primordial, até para minha formação como professor. E de temas, curto muito a historiografia ligada à escravidão e o pós-abolição, então quando tenho possibilidade, pego esses trabalhos. Até porque eu oriento uma aluna que trabalha com pós-abolição, então procuro dar uma lida. Adoro trabalhos de Geografia, tenho tara mesmo: [Henri] Lefebvre, [Maoz] Azaryahu.

E acabo usando nos trabalhos, para pensar, né? Ampliou muito a galera que está fazendo história do esporte, e isso é ótimo, é maravilhoso, mas a gente dialoga pouco com teoria. A gente pegar um trabalho que parta de um *problema* mesmo é raro. Porque dialoga pouco com teoria. Começo a ler esses trabalhos um pouco mais teóricos e vão me surgindo fagulhas dos fenômenos que eu estudo: “Caramba, ninguém viu isso por esse prisma.” Aconteceu isso com o trabalhos dos estádios como lugar de memória.

Não consigo me afastar muito dos meus temas nos livros acadêmicos. Vai ser difícil eu conseguir pegar um livro de Medieval, por exemplo. Acho que o último livro que eu li de Medieval foi na faculdade. *Guilherme, o Marechal*. Muito boa biografia, por sinal. [ri]

Literatura eu leio menos do que eu gostaria. O último que eu li foi o do Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

Qual a sua relação com o esporte como espectador e praticante?

Para publicar na *Recorde*, tem que começar falando do Palmeiras. [ri] Minha vida é ligada ao Palmeiras e ela é regulada com os horários do Palmeiras, inclusive. [ri] Tento estabelecer tudo, desde casamento e batizado que eu sou convidado: se tiver jogo do Palmeiras, todo mundo sabe que eu não estarei presente. Se puder, inclusive *estarei no estádio*. Mas, agora, eu moro longe. A *única* coisa que me faria voltar para São Paulo é se eu morasse na Rua Palestra Itália, antiga Turiaçu, ou na Caraíbas, na esquina, que tem um boteco bom ali. [ri] Sou torcedor fanático do Palmeiras.

Sou filho de um esportista. Meu pai foi goleiro de futebol, amava esporte,

programas radiofônicos (disponibilizados também em plataformas de *podcast*) e de um perfil na rede social digital Twitter. Cf.: <https://sites.google.com/view/maishistoriapf/mais-hist%C3%B3ria-por-favor>.

era daqueles que acordavam cedo para ver Volta a Portugal de bicicleta, assisti a todas as corridas de Fórmula 1. Assistia Desafio ao Galo, que era um campeonato da várzea de São Paulo que passava na TV Record domingo de manhã. Meu pai via Desafio ao Galo com um rádio daqueles *trambolhão* desse tamanho [indica com a mão um rádio grande] ligado para pegar, do Brasil, o jogo do Olhanense – que era o time dele, da cidade dele, que ele tinha jogado – na terceira divisão de Portugal.

Eu adoro ver esporte. Sou um espectador, curto, gosto de ver ao vivo. Quando morava em São Paulo, eu ia no basquete do Palmeiras, futsal, categorias de base, sub-15. Assino o [canal] Combate, porque cansei de ver as lutas travando pela internet. [ri] Tenho o aplicativo OneFootball para ver os jogos do St. Pauli, da segunda divisão da Alemanha sábado e domingo de manhã.

E pratiquei muito esporte. Desde criança até os 16 anos joguei muito tênis. Fui federado, joguei campeonatos de São Paulo, Brasileiro, Banana Bowl, que é o principal torneio sul-americano juvenil. Tomei 6x1 6x0 de um peruano, mas não tem problema, só fala que eu joguei Banana Bowl. [ri] Parei de jogar tênis e fui jogar rugby, dos 16 até muito tempo. Treinei muay thai, sou árbitro da Confederação Brasileira de Muay Thai, [com diploma da Confederação Brasileira de Muay Thai] adquirido aí no Rio, inclusive.

Com certeza, quando eu resolvi ir para o mundo acadêmico, não teria outra temática que eu pudesse estudar. Nunca fui um *cê-dê-efe*, daqueles caras que ficavam: “Ah, não posso perder uma aula!” Se tinha jogo do *Parmera* [carrega no sotaque], eu ia para o jogo. Até isso foi... sabe aquele limitador interno nosso? “Pô, meu, se você vai pesquisar, pesquisa essa porcaria logo, você vive vendo isso. Pelo menos vai te motivar. Você nunca vai perder o tesão pela pesquisa.”

Fui escrever aquele artigo que saiu na *Estudos Históricos* sobre a excursão do Sporting de Portugal na década de 1950 e esbarrei com entrevista de colega que jogou bola com meu pai.³⁶ Daqui a pouco vou estar pesquisando os jornais da África e vou ver o nome do meu pai lá no meio – ele jogou bola na África e em Portugal. Era do Olhanense, foi vice-campeão português de júniores, chegou a ser convocado para seleção [de base], depois foi pra Alverca, jogou na terceira divisão. Foi para a África, em Moçambique jogava a primeira divisão de futebol colonial, depois em Angola jogou futsal.

E agora estou no meu momento de expectativa máxima de publicação de um artigo na revista *História Oral*.³⁷ Eu olhar para trás e poder falar:

³⁶ MALAIA, João Manuel. 'Os Leões em África': Futebol e Política no Império Colonial Português (1954). *Estudos Históricos*, v. 32, p. 589-608, 2019. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79785>>.

³⁷ O artigo foi publicado cerca de duas semanas após a realização da entrevista. SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Recordar é viver!”: cânticos de torcida,

“Conseguí transformar uma coisa que fiz a minha vida inteira numa fonte histórica”. É um artigo que fala sobre cânticos de torcida como fontes orais. Os pareceres que vieram foram muito bacanas. Você, torcedor, viver a sua vida inteira cantando na arquibancada. Escrevi o artigo pensando: “Quando eu cantava isso, no que eu pensava? Quais acessos me dá ao passado quando vou ao estádio cantar determinada música? O que isso me remete ao passado?” Muito bacana ver que a gente estuda uma coisa que a gente gosta. Eu tive essa vida de torcedor, fui dar aula inúmeras vezes sem voz. Os caras perguntavam o que era e eu falava que tinha pegado friagem, mas tinha passado a noite inteira no estádio berrando no meio da Mancha Verde.

Agora, qualquer um que chega para mim aqui na faculdade e fala: “Ah, mas você estuda futebol, isso aí...” [em tom de desdém, desafio], eu respondo: “Não só pesquiso futebol como publico nas revistas *top*, então não me enche”. [ri] A gente também busca uma carreira universitária para ter essa liberdade, para pesquisar o que a gente quer. Eu pesquiso basicamente o que eu curto mais na minha vida.

memória e fontes orais. *História Oral*, v. 24, n. 2, p. 89-104, 2021. Disponível em: <<https://orcid.org/0000-0001-7154-3860>>.